

¿KUNS MANQ'APXA?: AS EXPERIÊNCIAS E ESTRATÉGIAS SOCIAIS DAS POPULAÇÕES INDÍGENAS ANDINAS BOLIVIANAS EM FACE DA COVID-19¹

¿KUNS MANQ'APXA?: EXPERIENCIAS Y ESTRATEGIAS SOCIALES DE LAS POBLACIONES INDÍGENAS ANDINAS FRENTE A LA COVID-19

*Roger Adan Chambi Mayta*²

*Chryslen Mayra Barbosa Gonçalves*³

Resumo: A Bolívia é o segundo país da América Latina com maior população indígena, possui também, desde 2009, uma Constituição Plurinacional que enfatiza a existência e autodeterminação dos povos indígenas. As políticas estatais de cuidado frente à crise sanitária do SARS-CoV-2 deveriam considerar esta diversidade existente no país, mas não é o caso, o governo de Jeanine Añez tem se distanciado das urgências das populações indígenas, urbanas e rurais, aplicando políticas homogêneas que não alcançam as necessidades das comunidades e dos setores indígenas urbanos, especialmente aqueles dependentes do mercado informal. O objetivo deste artigo é apresentar algumas experiências e estratégias das populações indígenas andinas da Bolívia nesta conjuntura de crise sanitária frente às ações insuficientes do governo Añez. Além disso, nos amparamos no trabalho de Pachaguayá e Terrazas (2020) para compreender as narrativas de algumas comunidades quéchuas e aymaras sobre a Covid-19, bem como nas nossas vivências na cidade de El Alto durante a pandemia.

Palavras-chave: Bolívia; Indígenas andinos; Crise sanitária; Crise Política.

Resumen: Bolivia es el segundo país de América Latina con la mayor población indígena, desde el 2009 sostiene una Constitución Plurinacional que enfatiza la existencia y la autodeterminación de los pueblos indígenas. Las políticas estatales de atención ante la crisis de salud del SARS-CoV-2 deberían considerar esta diversidad en el país, pero este no es el caso, el gobierno de Jeanine Añez se ha distanciado de las urgencias de las poblaciones indígenas, urbanas y rurales, aplicando políticas homogêneas que no satisfacen

¹ Este artigo foi escrito em agosto de 2020 e responde às questões daquele contexto. Algumas preocupações apresentadas aqui se mantêm atuais com relação ao atual governo do *Movimiento al Socialismo* (MAS) eleito durante as eleições de outubro de 2020, especialmente pela permanência da pandemia e pela falta de diálogo com a população indígena resistente à vacinação.

² Doutorando em Direito Agrário pela Universidade Federal de Goiás. Desenvolve trabalhos nos temas de pluralismo jurídico, crítica jurídica, constitucionalismo latino-americano e direito agroambiental. É parte do grupo Aymara Colectivo Curva. E-mail: rogeradanchambi@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-3879-5270>

³ Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente faz trabalho de campo na cidade de El Alto (Bolívia) e nas comunidades indígenas aymaras, produzindo análises sobre mestiçagem, movimentos indianistas e kataristas, economias aymaras e onto-epistemologias andinas. E-mail: chryslenmayra@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-6800-5073>

<https://doi.org/10.36311/1982-8004.2021.v14n1.p47-60>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

las necesidades de las comunidades y los sectores indígenas urbanos, especialmente aquellos que dependen del mercado informal. El objetivo de este artículo es presentar algunas estrategias de las poblaciones indígenas andinas de Bolivia en esta coyuntura de crisis sanitaria, en vista de las acciones insuficientes del gobierno Añez. Además, nos amparamos en el trabajo de Pachaguay y Terrazas (2020) para comprender las narrativas de algunas comunidades quechuas y aymaras sobre la Covid-19, así como en nuestras experiencias en la ciudad de El Alto durante la pandemia.

Palabras-clave: Bolivia; Indígenas andinos; Crisis sanitaria; Crisis política.

ANTECEDENTES

A Bolívia é um país localizado na América do Sul, conta atualmente com uma população de 11. 633. 371 habitantes, segundo o Instituto Nacional de Estatística⁴. É o segundo país da América Latina com maior população indígena, no censo de 2012 40,6% dos bolivianos se autodeclararam como integrantes de uma das 36 nações determinadas pela Constituição Política do Estado Plurinacional da Bolívia. O país conta, além disso, com uma diversidade climática que vai dos Andes à Amazônia, sustentando heterogeneidades sociais em cada um dos seus quatro biomas terrestres e três biomas de água doce.

Em 2009, sob o governo de Evo Morales Ayma⁵ do *Movimiento al Socialismo* (MAS), foi aprovada a Constituição do Estado Plurinacional da Bolívia, modificando a estrutura de um Estado Nação República para o Estado Plurinacional. Neste novo modelo de Estado, a pluralidade vigente no país é celebrada, legitimando aspectos como a JIOC (Justiça Indígena Originário Camponesa), as práticas medicinais ancestrais, as formas de auto-organização das comunidades e outros. A narrativa da Constituição entrou em conflito com as políticas do governo de Evo Morales, projetos como a construção de uma rodovia que atravessa o Território Indígena e Parque Nacional Isiboro-Sécure (TIPNIS) foram contestados pelas comunidades indígenas. Os conflitos com os produtores de coca dos Yungas, contrários à *Ley de Coca* – que beneficia os produtores de coca do Chapare em detrimento dos produtores de coca dos Yungas –, bem como a insistência de Evo Morales em sua manutenção como presidente – desconsiderando o Referendum de 21 de fevereiro de 2016 que votou negativamente pela reeleição do presidente, para o seu quarto mandato –, foram momentos determinantes para a construção de uma insatisfação coletiva com relação ao governo de Evo Morales.

As eleições de 20 de outubro de 2019 reelegeram Evo Morales, no entanto um problema na transparência da contagem dos votos, que deixou de ser divulgada na noite do dia 20 e só voltou com os resultados no dia 21, gerou um desconforto na população boliviana. As classes médias e altas, que desde 2016 se mobilizaram pela queda de Evo Morales, se organizaram em manifestações solicitando a saída imediata

⁴ Disponível em: https://www.ine.gob.bo/subtemas_cuadros/demografia_html/PC20105.xls

⁵ Presidente indígena aymara, proveniente do Departamento de Cochabamba. Ficou conhecido pela sua atuação nos sindicatos dos produtores de coca da região do Chapare.

do representante do MAS, entre suas pautas estava a defesa da “democracia” e lemas como “Não seremos a Venezuela ou Cuba”. No dia 10 de novembro, o general Williams Kaliman, chefe das Forças Armadas, solicitou a renúncia do presidente Evo Morales, algumas horas depois o presidente renunciou com o pressuposto de insegurança na sua manutenção no cargo.

Pouco tempo após a saída de Morales do *Palacio Quemado*, Luis Fernando Camacho, representante dos movimentos cruceñistas⁶ das terras baixas bolivianas, entrou com uma bandeira tricolor (conhecida como bandeira Republicana) e com uma bíblia nas mãos, ele se ajoelhou sobre a bandeira e proferiu que “A Pachamama⁷ nunca voltará ao Palácio. A Bolívia é de Jesus Cristo”. Com a clara posição de repúdio destes opositores do MAS com relação aos símbolos indígenas que foram celebrados durante o governo de Evo Morales, alguns policiais retiraram a Wiphala⁸ do uniforme e a queimaram, definindo sua posição com relação às populações que içaram historicamente a bandeira quadriculada: os indígenas andinos.

Diante disso, os habitantes da cidade de El Alto começaram a se mobilizar em favor da Wiphala, representantes das mais diversas comunidades do Altiplano andino chegaram para apoiar as manifestações. Tais manifestações foram noticiadas nacional e internacionalmente como apoiadores do MAS, criando uma polarização nos discursos entre quem estava em favor de personagens como Luis Fernando Camacho e quem estava contra, necessariamente como apoiadores do MAS. Esta polarização serviu como abafador das vozes dos movimentos indígenas. No dia 12 de novembro a segunda vice-presidente do Senado, Jeanine Añez, foi proclamada como presidente interina, iniciando um governo provisório que se mantém durante a crise sanitária do Covid-19, governo alinhado à oposição de Evo Morales e aos interesses dos grandes empresários bolivianos. Dentre as ações de Jeanine Añez na presidência, os massacres em Senkata (El Alto⁹) e Sacaba (Cochabamba) foram os mais violentos, deixando um saldo de 36 pessoas assassinadas pelas forças militares de Añez. O motivo dos conflitos foi a insatisfação dos manifestantes contra do governo de Jeanine Añez, em favor dos símbolos históricos indígenas que foram retirados das instituições estatais, segundo entrevista ao portal Pagina12 (15 de janeiro de 2020) algumas manifestantes relataram que nos protestos havia pessoas próximas ao MAS, mas também participavam vizinhos da região que se revoltaram com a queima da Wiphala. Em Senkata o confronto assumiu uma grande violência por parte do Estado,

⁶ Movimentos separatistas das terras baixas bolivianas, representados maiormente por empresários e latifundiários.

⁷ A Pachamama é um sujeito da ontologia andina, especialmente aymara e quéchua, conhecida internacionalmente como “mãe terra”. A Constituição de 2009 e a implementação de um Estado Plurinacional na Bolívia deram ênfase para a importância coletiva desta entidade.

⁸ Wiphala é a bandeira quadriculada que representa as nações indígenas andinas.

⁹ Conhecida como cidade Aymara, El Alto é uma cidade composta majoritariamente pela migração das comunidades indígenas do altiplano boliviano.

justamente porque os moradores da região bloquearam a planta de gás natural da zona. Añez autorizou a repressão contra os protestos e o saldo foi de dez mortes, 65 feridos e muitos detidos. O governo construiu discursos de terrorismo para justificar a ação, sustentando estereótipos sobre a população de El Alto¹⁰ (majoritariamente indígena Aymara), tais discursos são conservados no contexto da pandemia da Covid-19.

¿KUNS MANQ'APXA?: CRISE SANITÁRIA E CRISE POLÍTICA

A Bolívia foi o último país da América do Sul a se juntar aos países com infectados por Covid-19. Em 10 de março de 2020 o então ministro da saúde, Anibal Cruz, reportou os dois primeiros casos confirmados, um no departamento de Oruro e o outro no departamento de Santa Cruz. Após esta notícia, as principais feiras da cidade de El Alto e da cidade de La Paz se encheram de pessoas que procuravam suprimentos para proteção contra o novo coronavírus. Máscaras, álcool em gel e desinfetantes eram vendidos e comprados em grande quantidade diante do pânico social. A mídia mostrou os profissionais da saúde (médicos, enfermeiros e demais trabalhadores dos hospitais públicos), que entre lágrimas de desespero afirmaram que não possuíam o equipamento necessário para cuidar de pacientes infectados¹¹.

Em 20 de março, diante do número crescente de infectados, a presidente interina Jeanine Añez declarou a quarentena total a partir de 22 de março, por 14 dias. O objetivo era controlar a pandemia e poder equipar os hospitais com os materiais necessários para enfrentar a Covid-19. A quarentena total consistia na saída de apenas uma pessoa por família, com base no número do documento pessoal, para fazer as compras correspondentes. Determinou, também, a abertura dos mercados¹² até o meio-dia, desde que vendedores e compradores cumprissem com as medidas de segurança sanitária. Em relação ao pagamento de energia elétrica, a presidente sustentou que os valores seriam reduzidos e que estavam proibidos cortes de água, gás e internet enquanto durasse a quarentena. Neste momento, foi decretado o pagamento de um auxílio para crianças em idade escolar, o pagamento não aconteceu imediatamente – o que prejudicou muitos comerciantes informais –, além disso, este auxílio não alcançava

¹⁰ Em janeiro a presidente interina pediu, em um evento na cidade de Sucre, que os “selvagens” não voltassem ao poder, referindo-se ao MAS e seus apoiadores. Com a polarização discursiva todos os movimentos contrários ao governo de Añez – especialmente depois dos massacres – foram caracterizados como apoiadores do MAS, estes movimentos sustentavam uma distinção racial marcada, eram majoritariamente aymaras e quéchuas. A associação racista da presidente entre manifestantes e “selvagens” obteve eco em muitos espaços das classes médias e altas brancas, intensificando as hierarquias sociais e raciais.

¹¹ Segundo Malkya Tudela (2016) para cada mil habitantes, a Bolívia conta com 1,1 camas de hospital, muito abaixo da média do Brasil (2,2). Segundo ela: “*En el Hospital del Norte, donde tienen 126 camas funcionando, han preferido utilizar la proporción por cada 100.000 habitantes: 14 camas. Pero eso es 0,14 camas cada 1.000 habitantes. La peor situación del país*”. Atualmente o Hospital Norte, localizado em El Alto, é o espaço que mais atende infectados por Covid-19 no departamento de La Paz.

¹² A cidade de El Alto é constituída por mercados compostos por diversos comerciantes, a lógica de mercado não é a dos monopólios como Dia e Carrefour, mas um conjunto de negociantes que ocupam um galpão e montam suas barracas para vender os mais diversos produtos.

pessoas em idade avançada (grupo de risco) e os filhos de famílias camponesas¹³ que não estavam matriculados nas escolas.

Mais de 60% dos trabalhadores bolivianos estão no setor informal (CEPAL, 2018), na cidade de El Alto a maior parte destes trabalhadores são indígenas provenientes das comunidades locais e ocupam as mais de 400 feiras que compõem a cidade. Dialogamos com uma vendedora de sucos no centro de El Alto acerca das medidas do governo de Añez e ela nos relatou: “*Los que tienen trabajo seguro, los que tienen sueldo, claro, ellos seguramente pueden quedar tranquilo en su casa. Pero nosotros no, si no salimos a la calle, si no trabajamos, de que vamos a comer, ¿de dónde vamos a sacar dinero para pagar de la luz y del agua?*” (Entrevista realizada presencialmente no dia 21 de março de 2020)¹⁴.

A pergunta da vendedora de frutas faz eco nas preocupações de muitos trabalhadores, urbanos e rurais, com quem conversamos, mas também demonstra um abismo que existe entre as políticas de governo e as realidades heterogêneas dos bolivianos. Outro exemplo foi o conflito entre o Ministro de Obras Públicas, Iván Árias, e habitantes da comunidade Aymara de Lajas; o ministro se deparou com um enterro¹⁵ feito por habitantes locais e começou a gritar perguntando se eles não entendiam o que era a quarentena, fomentando a política do medo comum no governo de Añez¹⁶, neste momento foi interpelado por um habitante da comunidade: *Kuns manq'apxa?* (Do que vamos comer?); por não compreender Aymara, Árias continuou com o sermão, ignorando o apelo. O que a pergunta do *lajeño* Aymara e a ignorância do ministro nos informam é que existe um abismo dialógico entre os representantes deste governo provisório e as necessidades das populações, abismo que se materializa nas políticas insuficientes no contexto da pandemia.

Além disso, o cumprimento da quarentena evidenciou a divisão racial do trabalho que as cidades de La Paz e El Alto “ocultavam”. O fato de ficar em casa acabou sendo

¹³ É importante enfatizar aqui que, nos Andes, o campesinato é necessariamente indígena.

¹⁴ Os diálogos apresentados neste texto foram produzidos durante a pandemia, a maior parte deles tem um objetivo político de compreender a realidade dos habitantes da cidade de El Alto, contamos com o apoio dos integrantes do Colectivo Curva de jovens aymaras do qual o autor deste artigo faz parte. Para mais informações sobre o Colectivo Curva: <http://colectivocurva.blogspot.com/>

¹⁵ Para os aymaras o rito funeral representa uma parte importante da relação que se tem com o sujeito que faleceu, isso porque os familiares presentiam o morto com elementos que podem auxiliar no caminho que a alma (*ajayu*) vai percorrer até a comunidade dos mortos ou, segundo Huanacuni (2010), até o tempo eterno: *WiñayPacha*. Deste modo, o funeral não é necessariamente uma despedida, mas o começo de uma relação com o *ajayu*, que visitará a família todos os anos no dia 2 de novembro. Por isso, para construir políticas efetivas de cuidado durante a pandemia é necessário ter sensibilidade e dialogar com estes sujeitos sobre as melhores formas de lidar com os ritos funerários de maneira segura.

¹⁶ Pachaguay e Terrazas (2020, p. 7) sustentam que as propagandas governamentais para informar a população sobre a Covid-19 fomentaram mais uma política de medo do que de informação, um exemplo foi o spot do Ministério de Comunicação que ilustrou o coronavírus como um inimigo invisível, nos diálogos entre o personagem da doença e a população aparecia a seguinte frase: “*Soy el Coronavirus ya llegué a Bolivia y te voy a encontrar*”. Nesta perspectiva, segundo os autores, o governo apostou por uma metáfora bélica e nada pedagógica, pela “política do medo”.

um privilégio de classe que somente alguns setores abastados da cidade de La Paz podiam respeitar privilégio que se mostrou mais evidente diante do número de trabalhadores dependentes do mercado informal que não foram beneficiados por auxílios efetivos do governo Añez e que, em sua maioria, são indígenas. O texto de Fernando Molina (2020) no jornal *La Razón* é bem enfático com relação a esta diferenciação, o autor coloca em questão duas condições nesta quarentena: a das pessoas de classe alta, do home office, do delivery, com empregadas domésticas; e a destas mesmas empregadas domésticas, em suas palavras: *“mujeres indígenas que han llegado a la cuarentena, también, como lo que son: ‘criadas’ condenadas a vivir la vida de sus patrones.”*



Vendedora de legumes. Feira de Pacajes, El Alto. (Foto dos autores, 14 de junho de 2020).

Em El Alto os aymaras que trabalham diariamente no comércio informal nas ruas foram os primeiros afetados pela quarentena. Ainda assim, sob o discurso de “viver do dia a dia”, milhares de comerciantes continuaram suas atividades em mercados e feiras expondo seus corpos à contaminação, porque sua realidade e suas condições materiais não lhes permitiam ficar em casa.

Diante desses eventos, comentários de áreas residenciais e da classe política começaram a aparecer nas mídias sociais e nas mídias formais. Adjetivos como “ignorantes” e “selvagens” foram usados para desqualificar a população da cidade de El Alto, criando assim um discurso que legitima a repressão da polícia e dos militares contra essa população, repressão que já mostrava a sua cara mais sombria desde novembro de 2019.

É importante pontuar que a Covid-19 chegou à Bolívia em um contexto politicamente sensível, apenas quatro meses se passaram desde que Evo Morales renunciou à presidência e o governo de transição de Jeanine Añez não tinha legitimidade política e jurídica¹⁷ para governar plenamente. Regiões como El Alto, no departamento de La Paz, e Chapare, em Cochabamba, foram os setores mais infelizes com a assunção da nova presidência. O governo de Añez, sob o discurso de proteger a população da pandemia, encapsulou e militarizou os municípios que tinham a maior população oposta ao seu governo e partido político. Portanto, a cidade de El Alto e a região do Chapare foram fortemente vigiadas pelos militares, embora até o momento esses espaços relatassem baixos casos de infecção pelo vírus. Tais medidas governamentais demonstram um claro interesse político por parte da candidata à presidência para as próximas eleições.

Depois dos 14 dias de quarentena total terminar, e após ultrapassar o número de 400 infectados e mais de 26 mortes, o governo estendeu a quarentena até 30 de abril, anunciando posteriormente o pagamento de um auxílio universal para pessoas desempregadas¹⁸, no valor de 500 bolivianos por pessoa, e créditos para as médias e pequenas empresas afetadas pela quarentena. Essas políticas não foram suficientes para aliviar os danos econômicos causados pela quarentena nos setores comerciais populares da cidade de El Alto, pois não responderam às necessidades básicas dessa população. As medidas de créditos, auxílios, adiamento de pagamentos de serviços básicos e educação pela internet, tomadas pelo governo de Añez, eram a prova confiável da ignorância da realidade boliviana por parte da classe governamental. Essas políticas pareciam emergir da ideia de um Estado homogêneo, onde todos os bolivianos teriam acesso a serviços de água, eletricidade, gás e internet.

KHAPAJ NIÑO: AS RESPOSTAS COMUNITÁRIAS

No trabalho produzido por Pedro Pachaguay Yujra e Claudia Terrazas Sosa (2020), com o apoio da *Asociación Departamental de Antropólogos de La Paz* (ADA-La Paz), foram coletados relatos de indígenas em distintas comunidades sobre a chegada

¹⁷ No artigo recentemente publicado pela Revista Maloca (Gonçalves e Mayta, 2021) analisamos de forma mais detalhada o processo político de 2019, nele citamos um texto de Maria Galindo (2020) sobre o posicionamento de Jeanine Añez após a renúncia de Evo Morales. Galindo afirma que a entrada de Añez não foi legítima, porque foi definida em uma reunião realizada na Universidad Católica (universidade particular localizada em La Paz) com a presença dos candidatos à presidência Carlos Mesa e Tuto Quiroga, do reitor da Universidad Mayor de San Andrés e opositor do MAS, Waldo Albaracín, de Fernando Camacho (já citado representante dos movimentos separatistas cruceños) e do (pasmem) embaixador do Brasil, que certamente defendiam os interesses do presidente brasileiro. Texto de Galindo disponível em <https://muywaso.com/sedicion-en-launiversidad-catolica-ocomo-armaron-el-golpelos-patriarcas/> Último acesso em 01/09/2020.

¹⁸ O desemprego na ótica do governo está direcionado aos trabalhos formais, assim sendo os trabalhadores informais são beneficiários do auxílio como desempregados, considerando que eles são um dos setores sociais mais precarizados nesta crise. No entanto, depois de 14 dias sem ingressos, estes trabalhadores informais que vivem dos ganhos diários já se encontravam em condições precárias – muitos passando fome – e os 500 bolivianos do auxílio não supriram suas necessidades básicas por muito tempo.

da Covid-19, das relações que estas sociedades estabeleceram com a “doença”¹⁹. Utilizaremos aqui alguns dos relatos apresentados no livro, mas também apresentaremos algumas narrativas de amigos e amigas sobre suas comunidades de origem²⁰.

O interesse dos autores pelas diversas formas de “denominar”²¹ o coronavírus surge da utilização do termo *Nanka Usu* por Rafael Quispe - na época diretor geral do Fundo de Desenvolvimento Indígena – como “doença maligna”²². Na linha de Jeanine Añez, Quispe sustentou a “política do medo” nos discursos sobre o *Nanka Usu* evidenciando que “*si las personas son infectadas podrían morir y sus cuerpos serán quemados*” (PACHAGUAYA e TERRAZAS, 2020. p. 10). Não satisfeitos com a explicação de Rafael Quispe, os autores entrevistaram a ex-autoridade da comunidade Aymara de Zongo, Marcela Quisbert, que explicou que este termo é utilizado para caracterizar algo maligno, duradouro e que pode destruir o portador. Longe de criar um discurso que legitima uma narrativa em detrimento de outra, queremos colocar em debate as relações comunitárias com a chegada do novo coronavírus, além disso, sabemos que todas as traduções possíveis aqui são **traições** e que, com as limitações de contato interpessoal imposta pela conjuntura, nossa única fonte de conhecimento sobre tais práticas são estas narrativas.

Estas “denominações” da Covid-19 obedecem às memórias destas populações com outras crises que assolaram seus territórios²³, além disso, respeitam as onto-epistemologias andinas (DE LA CADENA, 2015)²⁴. Pachaguaya e Terrazas (2020) apresentam alguns relatos de Toribia Lero, habitante da comunidade Marka Tapacari Córdor Apacheta, no departamento de Oruro. Toribia Lero narra as relações da comunidade com a chegada do vírus denominado por eles *Khapaj Niño*, *Khapaj* como “aquele que tem poder”: “*como el Rey de España, dice que en el pasado el Rey de España tenía poder, y nuestros ancestros saben que muchas de nuestras epidemias han traído los españoles, eso lo ha mandado el Rey de España saben decir, entonces tiene que irse por donde ha venido.*” (Toribia Lero em PACHAGUAYA, TERRAZAS, 2020, p. 10); e *Niño* por conta do fenômeno do *niño* (1982-1983). A respeito disso, Roberto Jovel (1998, p. 1) comenta:

¹⁹ O motivo das aspas é que as ontologias aymaras e quéchuas não mantem relações com o coronavírus como uma doença, no sentido ocidental, mas como um sujeito.

²⁰ Considerando as medidas de proteção sanitárias durante a pandemia, a maior parte dos diálogos apresentados neste tópico foram feitos de forma não-presencial, com o apoio de meios de comunicação digitais.

²¹ O motivo das aspas se dá porque compreendemos que a utilização de outras nomenclaturas não está no plano da denominação, mas da própria relação estabelecida entre estas comunidades e o visitante (*Khapaj Niño*, Mallku).

²² Em Gonçalves e Mayta (2021) discutimos as implicações ontológicas dos usos de *Nanka Usu*.

²³ Artionka Capiberibe (2020) demonstra que esta doença é familiar aos povos indígenas, não pela existência em si da doença, mas pela experiência da entrada em seus territórios de vírus e bactérias que são “aliados, há séculos, da ganância da exploração econômica, agindo junto com esta na mortandade das populações indígenas”.

²⁴ Para Marisol de la Cadena (2015) as onto-epistemologias andinas relacionam simultaneamente a narrativa com o viver, deste modo as narrativas construídas pelos indígenas sobre o coronavírus fazem referência à própria relação com ele enquanto sujeito.

Durante 1982-1983, este fenómeno - que representa el episodio cálido de la Oscilación del Sur y que tiene repercusiones que abarcan virtualmente a todo el planeta – ocasionó inundaciones de consideración en las zonas costeras de la vertiente del Pacífico en Sudamérica, sequías severas en el Altiplano Peruano-Boliviano y en Centroamérica, y modificaciones importantes en la temperatura, salinidad y nivel del Océano Pacífico.

A conexão com o fenômeno do *niño*, para Toribia Lero, se deu justamente pelas doenças e desgraças causadas na comunidade. Para ela, a relação que a comunidade estabelece com o visitante é muito importante: “*tu no le puedes enfrentar como en la guerra, tienes que hacer prevalecer su sabiduría*” (Toribia Lero em PACHAGUAYA, TERRAZAS, 2020, p. 10). Por isto, autoridades da região organizaram um ritual de despacho para o visitante com rogativas, jejum das autoridades e oferendas (doces, coca, álcool). Segundo Toribia Lero (PACHAGUAYA, TERRAZAS, 2020, p. 10):

Pero en el ritual no solamente están hablando de las rogativas sino de las comidas y los alimentos que se deben comer, sobre cómo ahora deben diversificar su productividad, porque la gente va venir a vivir nuevamente al campo, además sobre conocer todas las plantas medicinales que hay en el territorio para contrarrestar el Coronavirus y todas las medidas sanitarias que el municipio mandó.

A consciência da necessidade de diversificação da produção pelos habitantes da comunidade vai de encontro ao decreto supremo 4232 (7 de maio de 2020) sancionado por Jeanine Añez, que dá liberdade à utilização de sementes transgênicas em território boliviano. Enquanto os indígenas estão preocupados com a diversificação, compreendendo que a agricultura familiar camponesa fornece alimentos para todo o país, Jeanine Añez está preocupada em manter relações econômicas com os grandes empresários, o que pode provocar a extinção da diversidade de produtos como o milho, que conta com centenas de variedades somente em território boliviano. Deste modo, temos de um lado a defesa da Soberania Alimentar feita pelos indígenas e, de outro, a imposição da monocultura, do empobrecimento do solo e, conseqüentemente, da proletarização dos camponeses por parte de empresas monopólicas, feita pelo governo vigente.

Na narrativa de Toribia Lero percebemos um elemento muito importante durante a pandemia: a intensificação da relação entre campo e cidade. As relações entre trabalhos rurais e comércio urbano nunca estiveram desvinculadas do cenário de El Alto e La Paz, os aymaras e quéchuas provenientes dos espaços rurais mantêm um contato direto com as comunidades de origem, por isto é inadequado falar de êxodo rural na constituição destas cidades (como bem trabalhado por Tassi e Canedo, 2019). Casos como de Doña Hilda Chambi, mulher Aymara que mora em El Alto e mantêm um contato de produção e organização política na comunidade de

Chojñapata (província de Omasuyos), são comuns no cotidiano dos alteños. Doña Hilda nos relatou que durante a pandemia prefere estar na comunidade, onde pode colher batata e fazer *chuñu*²⁵, ela associa a comunidade com um espaço que brinda maior segurança comparado com a cidade.

O relato de Samuel Flores, habitante da Marka Quilla Quila (Chuquisaca), tem afinidades com os relatos de Toribia Lero, ele afirma que o coronavírus é um visitante: “*así como llegó se lo debe despachar con rituales*” (PACHAGUAYA, TERRAZAS, 2020. p. 12). O despacho, segundo Samuel Flores, deve acontecer com festas e oferendas de produtos locais. As oferendas com comidas feitas ao visitante revelam uma prática andina de respeito a esses seres “não-humanos” ou “seres-terra” (DE LA CADENA, 2015). As sociedades andinas (aymaras e quéchuas) constroem relações com estes “seres outros que humanos” a partir de diálogos (como as saudações que os aymaras fazem às montanhas: *Buenas tardes, awicha. Permiso!*), ou também por meio das oferendas de comidas e de álcool, como é o caso das *wajñas* sagradas ou mesas rituais, onde são queimados doces, gordura de lhama, lã, nozes e outros presentes para estes seres. O novo coronavírus aparece nas narrativas destas comunidades como um destes “seres outros que humanos” que pode estabelecer relações de aprendizagem com estas populações, assim como pode receber os alimentos oferecidos, e como resposta recíproca ao respeito coletivo pode partir sem provocar muitos danos.

ESTRATÉGIAS COLETIVAS DE SOLIDARIEDADE E RECIPROCIDADE

As estratégias coletivas solidárias e recíprocas provenientes das comunidades rurais e organizações urbanas foram saídas possíveis à ineficiência das políticas governamentais. No caso da cidade de El Alto, as migrações rurais nos últimos 20 anos provocaram a construção de um tipo de organização a partir de bases comunitárias, as *Juntas Vecinales*, que cumprem o papel do Estado em zonas nas quais ele é ausente. Alguns exemplos das ações desta organização são: controle jurisdicional dos bairros, ser intermediário entre a população e a prefeitura na implementação de obras públicas, e organizar mobilizações com pautas em favor dos bairros. Em muitas zonas de El Alto a definição dos representantes das *Juntas Vecinales* se dá de forma rotativa, respeitando os costumes das comunidades rurais (MAMANI, 2005).

Com a chegada da Covid-19 e o estabelecimento da quarentena, as *Juntas Vecinales* tiveram um papel importante, junto com outras organizações sociais²⁶, na

²⁵ Batata desidratada, produto da exposição às baixas temperaturas andinas e ao sol.

²⁶ Foi construído um acordo interinstitucional entre as *Juntas Vecinales* e outras organizações sociais solicitando respostas ao governo de Añez com relação à condição dos trabalhadores informais (especialmente transportistas), demandando novas eleições para a existência de um “governo legal” e pedindo a revogação do decreto 4232. Dentre as organizações citamos: “Federación Departamental Única de Trabajadoras Campesinas de La Paz Bartolina Sisa (FDUTCBS), Federación de Juntas Vecinales de

interpelação do Estado, especialmente contrárias ao decreto 4232 e na preocupação com o setor informal e sua manutenção nesta conjuntura.

As estratégias de solidariedade entre regiões também foram respostas importantes à crise de fome que a pandemia – e as medidas deficientes do governo – estavam ocasionando. O *Sindicato de Campesinos de Palos Blancos* (Província Sud. Yungas) doou cerca de 180 toneladas de alimentos para a cidade de El Alto. Com a queda do poder de compra dos bolivianos e pelo fato da quarentena se estabelecer exatamente nas épocas de colheitas, a posição destes pequenos produtores foi a distribuição de alimentos em bairros mais pobres. Foi o que relatou à ATB (2020) uma produtora de Sorocachi, depois da doação de 60 cargas de hortaliças por parte da organização dos Produtores de Sorocachi aos bairros da cidade de El Alto: *“Nos hemos organizado los productores, ahora nuestros productos están bajos en este momento, entonces como está bajo, nosotros dijimos no puede echar a perderse nuestro producto, entonces de ese motivo nos estamos solidarizando”*.

Conversamos com a Aymara Estela Mamani, membra do grupo de jovens aymaras Colectivo Curva e proveniente da comunidade Marka Santiago de Quilloma (Província Pacajes), quem atualmente vive na cidade de El Alto, mas mantém relações com a comunidade de origem, especialmente para a produção de alimentos. Ela narrou como foi seu retorno à comunidade com o estabelecimento da quarentena horizontal. Ao informar sua avó Isabel Flores (residente permanente da comunidade) sobre a existência do coronavírus, a avó afirmou: *“por no comer sano están enfermos”*. A quarentena chegou à comunidade coetaneamente com a colheita da batata, da quinua e da cañahua (cereal andino) e, segundo Estela Mamani, a produção auxiliou na manutenção da família durante a pandemia. Com a quarentena houve uma exigência por parte do governo estadual de que os produtores não se mobilizassem entre regiões, mas ela relatou que as autoridades locais começaram a tomar medidas que estavam mais próximas às necessidades locais.

Las autoridades también vieron que las personas del pueblo no podían acceder a la compra de frutas, arroz, azúcar, sal y otros de primera necesidad, y lograron hacer llegar una pequeña feria al pueblo, cumpliendo con el distanciamiento de un metro entre puestos, solo había la venta de lo más primordial. Gracias a la pequeña feria varias comunidades vecinas distantes, llegaron a abastecerse de alimentos reconciliando el trueque, hasta parecían turistas algunas personas que desde la ciudad buscaron cobijo en la tierra de sus padres y abuelos, ahora habían venido al pueblo, siendo testigos de un ambiente tranquilo, amable y sin el deseo egoísta de aprovecharse en subir el precio de los alimentos. (ESTELA MAMANI, entrevista em 01 de junho de 2020).

El Alto (FEJUVE El Alto) , Federación de Juntas Vecinales de La Paz (FEJUVE La Paz), Federación Nacional de Mineros, Central Obrera Boliviana (COB), Sector transportistas, Confederación Departamental de Tupak Katari y otros” (PACHAGUAYA; TERRAZAS, 2020, p. 18)

Estela Mamani comentou que as autoridades dialogaram com os habitantes acerca dos cuidados necessários à Covid-19, algo que discrepa muito com as “políticas do medo” priorizadas pelo governo de Jeanine Añez. Além disso, ela relatou acerca da reconciliação do *trueque* (escambo), relações de troca recíproca de alimentos que foram intensificadas em muitas comunidades, como é o caso da comunidade de Torotoro em Cochabamba (2020) que construiu uma feira da *Canasta Familiar*. A feira serviu para que os pequenos produtores pudessem vender sua produção e para fomentar trocas recíprocas entre agricultores que produzem alimentos distintos. O linguista e rapper Aymara Eber Miranda nos relatou que durante a feira que comemora o aniversário da comunidade Illabaya (Província Larecaja), sua comunidade de origem, as práticas de escambo, que ocorrem duas vezes por ano, intensificaram-se durante o evento por conta da pandemia. Ele explicou que pela falta de dinheiro as trocas se dão entre produtos como: milho, favas andinas, pães, trigo e frutas, respeitando lógicas próprias de reciprocidade e não lógicas de intercâmbio capitalistas.

Diversas outras práticas solidárias foram estruturadas, como a produção de *ollas comunes* no Departamento de Cochabamba (apresentadas por Pachaguay e Terrazas, 2020). No entanto, o objetivo deste artigo não foi o de construir um compêndio das experiências, foi o de demonstrar como as medidas do Estado boliviano foram à contramão das necessidades das populações heterogêneas, e intencionou-se revelar aqui também que, sem sombra de dúvidas, a solidariedade e as respostas coletivas são os sendeiros para o que virá, parafraseando Toribia Lero: é necessário aprender da sabedoria do *Khapaj Niño*.



Dona Isabel Flores colhendo batatas, Marka Santiago de Quilloma (Foto de Estela Mamani cedida aos autores. Segundo ela a foto foi tirada durante as colheitas de batata em 2020).

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Estela Mamani e Eber Miranda pelos diálogos e informações. Agradecemos também à Pedro Pachaguayaya Yujra e Cláudia Terrazas Sosa pelo trabalho, junto à Asociación Departamental de Antropólogos de La Paz (ADA-La Paz), na recolección de dados sobre as ações das comunidades bolivianas durante a pandemia. Agradecemos à Isabelly Barbosa e Isadora Barbosa pela revisão.

REFERÊNCIAS

“Airado reclamo de ministro Arias a una reunión de dolientes causa alboroto en Laja” – OPINIÓN, Disponível em: <https://www.opinion.com.bo/articulo/pais/airado-reclamo-ministro-arias-reunion-dolientes-causa-alboroto-laja/20200329003140758952.html> Acessado em: 29/03/2020.

BERCITO, Diego. “Pandemia democratizou poder de matar, diz autor da teoria da ‘necropolítica’” – GAUCHAZ, Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2020/03/pandemia-democratizou-poder-de-matar-diz-autor-da-teoria-da-necropolitica-ck8fpqew2000e01ob8utoadx0.html> Acessado em: 31/03/2020.

BURGOA, Carlos Willian. “En Torotoro no sufren desabastecimiento de alimentos gracias a las ferias y al retorno del trueque” – CIPCA, Disponível em: <https://www.cipca.org.bo/noticias/en-torotoro-no-sufren-desabastecimiento-de-alimentos-gracias-a-las-ferias-y-al-retorno-del-trueque-> Acessado em: 13/04/2020.

CAPIBERIBE, Artionka. “COVID-19: Um novo velho conhecido dos indígenas” – ANPOCS. Boletim Especial n. 18 – Disponível em: http://www.anpocs.com/index.php/ciencias-sociais/destaques/2331-boletim-n-18-covid-19-um-novo-velho-conhecido-dos-indigenas?fbclid=IwAR3BlkqtHnQ_eAb4mf1CA2ywwzNooEpjg1DTg69eWbifm9FeHwFPwA7hrJyc Acessado em: 10/04/2020.

CLAROS, Lucero. “Aiquileños solidarios instalan mesa con alimentos para ayudar a las personas que no tienen bonos” - Los Tiempos, Disponível em: <https://www.lostiempos.com/actualidad/cochabamba/20200407/aiquilenos-solidarios-instalan-mesa-alimentos-ayudar-personas-que-no> Acessado em: 07/04/2020.

“COVID 19 ¿Y LAS NACIONES Y PUEBLOS INDÍGENA ORIGINARIOS?” - Centro de Ecología y Pueblos Andinos (CEPA), Disponível em: <http://cepaoruro.org/n1090-covid-19-y-las-naciones-y-pueblos-indigena-originarios/> Acessado em: 26/05/2020.

DE LA CADENA, Marisol. “Earth Beings: Ecologies of Practice across Andean Worlds” Durham: Duke University Press, 2015.

FRÍAS, Sandy. “Residentes no rompen sus vínculos con sus comunidades de origen y la agricultura familiar” – CIPCA, Disponível em: <https://www.cipca.org.bo/noticias/residentes-no-rompen-sus-vinculos-con-sus-comunidades-de-origen-y-la-agricultura-familiar> Acessado em: 09/05/2020.

GONÇALVES, Chryslen Mayra Barbosa; MAYTA, Roger Adan Chambi. “ÑANKHA USU, KHAPAJ NIÑO, MALLKU USU. Crisis política y crisis sanitaria en la Bolivia andina: respuestas indígenas” – Maloca - Revista de Estudos Indígenas | Campinas, SP | v. 4 | p. 01-29 | e021003 | 2021.

HUANACUNI, Fernando Mamani. “Vivir Bien/Buen Vivir. Filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales”. III CAB, La Paz, 2010.

“Jeanine Áñez pidió evitar el retorno de los “salvajes” en Bolivia y Evo Morales salió al cruce:

JOVENO, Roberto. “Bolivia: evaluación de los daños originados por el fenómeno de el niño en 1997-1998” - RJ/CAF/98/ 1/Add. 1, Diciembre 18 de 1998.

“La usurpadora ratifica su racismo” – Clarín, Disponible em: https://www.clarin.com/mundo/jeanine-anez-pide-evitar-retorno-salvajes-poder-bolivia_0_Bt5D2II2.html Acessado em: 04/01/2020

MAMANI, Gabriel Magne. “Jeanine Áñez y la ecuación del racismo, la pandemia y las redes” – Muywaso, Disponible em: https://muywaso.com/jeanine-anez-la-ecuacion-del-racismo-y-la-pandemia/?fbclid=IwAR2gmes2YCPqOQKaAaZS717WC4A9heGBLJRDWIP4swPSi9TK-MsSQ__7tek Acessado em: 11/05/2020.

MAMANI, Pablo Ramírez. “Geopolíticas Indígenas”. CADES, El Alto, 2005.

MOLINA, Fernando. “La cuarentena con empleada” – La Razón, Disponible em: <https://www.la-razon.com/voces/2020/04/30/la-cuarentena-con-empleada/> Acessado em: 30/04/2020.

PACHAGUAYA, Pedro Yujra; TERRAZAS, Claudia Sosa. “Una cuarenta individual para una sociedad colectiva: La llegada y despacho del Khapaj Niño Coronavirus a Bolivia” – IIADI, ADA-La Paz, 2020.

“Productores de Oruro donaron más de 60 cargas de alimentos a vecinos de El Alto”. ATB, Disponible em: <https://www.atb.com.bo/sociedad/productores-de-oruro-donaron-m%C3%A1s-de-60-cargas-de-alimentos-vecinos-de-el-alto> Acessado em: 24 de abril de 2020.

SALAZAR, Coraly. “Pequeños productores en coordinación con instancias gubernamentales crean el mercado de la agricultura familiar en la ciudad de La Paz” – CIPCA, Disponible em: <https://www.cipca.org.bo/noticias/pequenos-productores-en-coordinacion-con-instancias-gubernamentales-crean-el-mercado-de-la-agricultura-familiar-en-la-ciudad-de-la-paz> Acessado em: 14/04/2020.

TASSI, Nico; CANEDO, María Elena. “Una pata en la chacra y una en el mercado: multiactividad y reconfiguración rural en La Paz”. CIDES-UMSA, La Paz, 2019.

“Testimonios reveladores de la masacre de Senkata” – Pagina12, Disponible em: <https://www.pagina12.com.ar/241787-testimonios-reveladores-de-la-masacre-de-senkata> Acessado em: 15/01/2020.

TUDELA, Malkya Canaviri. “Hospitales, camas y consultas externas en la salud pública” – Periódico PIEB, Disponible em: https://www.pieb.com.bo/sipieb_notas.php?idn=10355#:~:text=Oficialmente%20en%20Bolivia%20hay%201,14%20camas%20cada%201.000%20habitantes. , Acessado em: 14/12/2016.